

## OUTRAS VOZES DE ÁFRICA

### OTHER VOICES FROM AFRICA

No primeiro capítulo do livro *Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba (2019), a autora, filósofa de origem portuguesa radicada em Berlim, trata de um aspecto muito relevante para se começar a refletir sobre as literaturas africanas: a necessidade de existir uma voz que conte sua própria história e que reivindique seus direitos. Este tema já há muito é debatido nos Estudos Culturais, desde Spivak (2010) em *Pode o subalterno falar?* Na obra supracitada, a autora indiana assinala a existência de um projeto de “violência epistêmica” (2010, p. 47), executado desde o colonialismo, dedicado a reduzir o sujeito à condição obliterada e exótica de Outro. Destarte, o colonialismo não apenas procurou exotizar e inferiorizar o sujeito negro, mas principalmente promover a sua anulação completa e ontológica.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2010) afirma, a propósito do tema, que o colonialismo foi também uma dominação epistemológica que relegou os saberes locais a um espaço de subalternidade. O pesquisador afirma ainda que importa desfamiliarizar a tradição das monoculturas do saber, ao ponto de compreender esta prática como a única forma possível de familiaridade. Acreditamos que essa desfamiliarização deva ocorrer tanto interna quanto externamente, já que, mesmo após a descolonização, a necessidade de apropriação do saber sobre África não foi devidamente superada. Neste sentido, a nigeriana Amina Mama (2010) ressalta que o conhecimento produzido acerca de África é realizado majoritariamente no Ocidente.

Se o Ocidente é o maior produtor de conhecimento acerca de África, é preciso observar que tipo de conhecimento é produzido, a fim de evitar o ciclo epistemicida ocidental. Desta feita, é preciso evitar falácias como aquela a que se refere o ganhês Anthony Appiah (1997): a ideia de que existe uma África mítica na qual as culturas se interrelacionam. Logo, torna-se imprescindível considerar cada país com suas próprias especificidades. Leite (2013) complementa esta necessidade ao afirmar que há muitas atitudes subjacentes nas formações discursivas em relação a África. Dentre elas, destaca a de cunho paternal, com resquícios coloniais, que acaba por revelar um olhar exógeno que encara o outro com distanciamento e alguma tolerância, mas não lhe reconhece maturidade e autonomia.

Neste sentido, refletir acerca da produção literária dos países africanos na contemporaneidade relaciona-se, segundo conceito explorado por Mbembe (2015), ao “afropolitanismo”, ou seja: consistiria na inserção de culturas diaspóricas que tirariam a África do centro. “Na era da dispersão e da circulação, essa mesma criação já não se preocupa tanto com a relação com o si mesmo, mas com um intervalo” (MBEMBE, 2013, p. 181). Podemos então imaginar o continente africano como uma dinâmica movente, passível a mosaicos combinatórios diferentes. Neste sentido, o passado já não manifesta em si uma singularidade essencial – “pelo contrário, trata-se de manifestar que o homem despedaçado ergue-se lentamente, libertando-se de suas origens” (MBEMBE, 2013, p 181) –, sendo visto em sua relação com os movimentos em que se insere.

O objetivo do dossiê *Outras vozes de África* é divulgar trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as ou estrangeiros/as que têm, como foco, a produção literária de autores e autoras de países africanos de outras expressões linguísticas que não o português. Nesse sentido, neste número, vários países foram representados por meio das obras analisadas pelos/as articulistas, a saber, África do Sul, Mali, Nigéria, Quênia, Senegal e Somália. Nosso intento é mais do que ampliar as perspectivas críticas de literaturas africanas de outros países: buscamos perceber a multiplicidade – temática, estilística, cultural, contextual – existente no continente africano.

O texto que abre este número é intitulado “Entre duas culturas: a fragmentação do sujeito no conto *The Mubenzi Tribesman*, de Ngugi Wa Thiong’o”. Escrito por Nelci Alves Coelho Silvestre e Alba Krishna Topan Feldman, as autoras analisam o conto “*The Mubenzi Tribesman*” do autor queniano Ngugi Wa Thiong’o, focalizando o personagem principal do conto, que vive duas realidades, a de um homem tradicional que vive numa comunidade autóctone, e a daquele que vive numa sociedade urbana pós-colonial moderna. Nesse sentido, a partir de discussões teóricas sobre tradição e modernidade, bem como sobre questões pós-coloniais e identitárias, as autoras discutem como se dá o processo de fragmentação do sujeito nesse contexto de dualidade do protagonista.

O próximo artigo, intitulado “Aproximações entre Fanon e Coetzee: violência colonial e despersonalização em *Life and Times Of Michael K* e *Waiting for the Barbarians*”, não discute a fragmentação de personagens, mas a sua despersonalização, resultante da violência colonial. Para tal, Enilce do Carmo Albergaria Rocha e João Francisco Justino Lopes adotam como *corpus* de pesquisa os romances *Life and Times of Michael K* (1984) e *Waiting for the Barbarians* (1999), de John Maxwell Coetzee, escritor sul-africano vencedor do prêmio Nobel de Literatura de 2003. Com base nos estudos de Frantz Fanon, os articulistas discutem a representação da violência presente na

África do Sul durante o período do *apartheid* em três dimensões: a violência física/psicológica, a violência material e a violência cultural/simbólica. No entanto, o estudo não fica somente no campo da violência colonial, pois os autores também trazem, para o foco de análise, as formas de resistência que os romances apresentam por meio de seus personagens.

Ainda pensando na trajetória de personagens durante o período da colonização – no caso do próximo artigo, o da colonização francesa no território atual do Mali –, “Wangrin: a caricatura do homem colonizado”, de Alice Botelho Peixoto, analisa o romance *L'étrange destin de Wangrin ou les roueries d'un interprète africain* (1973), do autor malinês Amadou Hampaté Bâ. A análise da personagem principal do romance, que leva o título do artigo, a saber, Wangrin, é pautada pela teoria pós-colonial e apresenta as peripécias da personagem desde a sua ascensão até a sua derrocada final. Indo para além de dicotomias e periodizações cronológicas, a autora analisa a narrativa e as estratégias literárias usadas por Bâ, por meio das quais Wangrin é representado como caricatura de um homem possível em meio ao conflito de epistemologias causado pela presença colonial em território africano.

Outro artigo que analisa literatura de expressão francesa é intitulado “O patriarcado africano na prosa de Ousmane Sembène”. Seu autor, Sílvio Marcus de Souza Correa, debruça-se sobre três novelas do escritor senegalês Ousmane Sembène, a saber, “Ses trois jours”, “Souleymane” e “Lettre de France”, com o fito de perceber a crítica autoral, por meio das obras ficcionais, ao patriarcado e ao sistema poligâmico representados nas obras. Diante disso, o autor, com a análise proposta, não só demonstra elementos sociológicos e históricos inscritos nas novelas que permitem a investigação da condição feminina sob o patriarcalismo, como também evidencia que a prosa de Ousmane Sembène, no que se refere à representação do patriarcado na literatura senegalesa, antecipou a literatura de sua compatriota Mariama Bâ.

Voltando à literatura de expressão em língua inglesa, o próximo artigo, escrito pela articulista queniana Esther K. Mbithi, sob o título “‘When Many People Together do One Small Thing ...’: a Reading of Wangari Maathai’s *Unbowed: One Woman’s Story*” [‘Quando muitas pessoas juntas fazem uma pequena coisa ...’: uma leitura de *Unbowed: One Woman’s Story*, de Wangari Maathai], analisa a obra memorialista da escritora queniana Wangari Maathai intitulada *Unbowed: One Woman’s Story*. Ao analisar o memorial de Wangari Maathai, ganhadora do Nobel da Paz de 2004, a articulista descreve como a obra não apenas discute a percepção de Maathai sobre como a

proteção ao meio ambiente afeta o progresso social e econômico de um país, mas também toca em questões voltadas às relações de gênero e ao impacto do passado colonial no Quênia de hoje.

*The Orchard of Lost Souls*, da autora somaliana Nadifa Mohamed, é o corpus de análise de Valeria Silva de Oliveira em seu artigo “Vozes, olhares e vivências pós-coloniais de mulheres somalianas em *The Orchard Of Lost Souls*, de Nadifa Mohamed”. A articulista analisa as vozes, as vivências e os olhares de três personagens femininas em uma narrativa que traz uma representação de uma Somália pós-colonial fragmentada em que essas personagens, meio a um contexto sociopolítico adverso, buscam sobreviver cada uma a seu modo. A partir de teorias pós-coloniais e decoloniais, a autora discute o processo de ruptura identitária e ressignificação dessas personagens conforme mediadas pelo discurso romanescos e suas formas de representação na obra literária.

Por fim, ainda no terreno da análise de representações femininas na literatura, o artigo “Nigéria no feminino: a narrativa de Buchi Emecheta”, escrito por Sávio Roberto Fonseca de Freitas, Luciana Priscila Santos Carneiro e Sayonara Souza da Costa, analisa o romance *As alegrias da maternidade* (no original, *The Joys of Motherhood*), da autora nigeriana Buchi Emecheta. A partir da crítica feminista, os articulistas trazem, para o foco da discussão, os temas voltados à ancestralidade, ao casamento e à maternidade representados no romance, a partir dos quais a autora nigeriana faz ecoar, na obra ficcional, a opressão sofrida pelas mulheres nigerianas, o casamento como moeda de troca e a maternidade como meio de sobrevivência em sociedades tradicionais.

Esperamos que os artigos publicados no dossiê *Outras vozes de África* possam trazer reflexões críticas sobre os/as escritores/as e as obras literárias analisadas pelos articulistas, bem como contribuir para futuras investigações de obras de autores/as de África que não fazem parte do circuito literário de países de expressão em língua portuguesa, ampliando, dessa forma, o escopo da pesquisa sobre literatura africana em solo brasileiro.

Boa leitura!

João Pessoa, 04 de novembro de 2021.

Vanessa Neves Riambau (UFPB)

Orison Marden Bandeira de Melo Júnior (UFRN)

Ana Mafalda de Morais Leite (Universidade de Lisboa)

## Referências

APPIAH, K. A. *Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, A. M. *Nação e narrativa pós-colonial II: Angola e Moçambique – Entrevistas*. Lisboa: Colibri, 2013.

MAMA, A. Será ético estudar África? Considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, B.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. 3. ed. Coimbra: Edições Almedina, 2010. p. 529-560.

MBEMBE, A. *Sair da grande noite: Ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução: Narrativa Traçada. Lisboa: Edições Pedagogo, 2013.

MBEMBE, A. Afropolitanismo. Tradução: Cleber Daniel Lambert da Silva. *Áskesis*, v. 4 n. 2, p. 68-71, 2015. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/74>. Acesso em: 04 nov. 2021.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2010.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.